

VARIANTES DO TERMO “LÉSBICA” EM LIBRAS SOB O OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E DA TEORIA QUEER

Bruno Veloso de Farias Ribeiro¹
Cláudia Roberta Tavares Silva²
Iran Ferreira de Melo³

RESUMO

Este trabalho mapeia sinais e discute etimologias referentes a “lésbica” em Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir da Teoria Queer e da Sociolinguística Variacionista. A Libras é uma língua viso-motora, icônica e heterogênea, portanto, possui variações linguísticas. Nesse sentido, o termo “lésbica” possui variantes lexicais, com etimologias distintas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa. Para a análise sociolinguística, baseamo-nos nas pesquisas de Andrade (2013), Dizeu (2014), Strobel & Fernandes (1998) e Tarallo (1997); e, para a discussão semântica dos sinais, em Butler (2018) e em Lanz (2017). O mapeamento das variantes de “lésbica” já registradas no Dicionário Capovilla e em Santos (2019) apresenta cinco variantes lexicais. Encontramos uma variante por inicialização; três por iconicidade; e uma por derivação. Consideramos que este trabalho é relevante para as pessoas falantes de Libras que se entendam dentro de, ou se interessem por, gênero e sexualidade dissidentes; além disso, problematizam-se práticas linguísticas que reforçam preconceitos.

Palavras-chave: Sociolinguística, Queer, Variação Linguística, Libras, Lésbica.

INTRODUÇÃO

Partindo do questionamento às normas de gênero e sexualidade pelas quais alguns corpos são marcados e outros não, surge a Teoria Queer. Segundo Butler (2018) e Lanz (2017), autoras dessa corrente, o gênero e a sexualidade independem da anatomia genital, porém, em nossa cultura ocidental, urbana e capitalista, assume-se (ou se espera) que todos os corpos sejam cisgêneros e heterossexuais, fato que nos leva a discutir as práticas linguísticas que mantêm essa concepção. Acerca dessas práticas, no Brasil, além do português – língua oficial da nação e falado pela maioria ouvinte –, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) também é reconhecida pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 como meio de comunicação da comunidade surda.

¹ Mestrante do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, brunolibras@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, claudiarobertats@outlook.com.br;

³ Professor coorientador: Doutor, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, iranmelo@hotmail.com.

A Libras é uma língua de modalidade viso-motora, falada nos centros urbanos e está, como qualquer língua natural, intimamente ligada à cultura e à sociedade. Essa relação pode ser estudada sob o viés da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2018]). Estudos anteriores como os de Andrade (2013), Dizeu (2014) e Delgado (2012) apontam para uma distribuição assimétrica da língua na comunidade linguística: a Libras varia por região, grupo social, formalidade etc. Em outras palavras, a heterogeneidade, um dos pressupostos principais da Sociolinguística Variacionista, é um aspecto também presente na Libras.

A formação dos sinais e a interação em Libras acontecem de maneira independente e distinta de como se organiza a língua portuguesa. Por se tratar de uma língua viso-motora, as pessoas surdas têm seu contato com o mundo mediado principalmente pela visão. Nesse sentido, muito de seus sinais surgem a partir da característica visual dos referentes: casos de iconicidade, pelos quais podemos apreender aspectos da cultura surda brasileira e da modalidade das línguas de sinais. Mesmo assim, a comunidade surda está em constante contato com a comunidade ouvinte e, nessa interação, existe um intercâmbio cultural que, em alguns momentos, pode motivar etimologicamente alguns sinais. Um fenômeno que acontece é a existência de sinais iniciados com a primeira letra de uma palavra grafada em língua portuguesa, utilizando a letra correspondente do alfabeto manual da Libras.

Em relação aos sinais para os principais termos que representam as identidades de gênero e sexualidade, existem algumas variantes. “Lésbica”, por exemplo, possui representação em diferentes sinais, que podem ser analisados à luz do sistema interno da língua, de sua interação com o português e da concepção de gênero e sexualidade que circula nas práticas linguísticas. Ou seja, é relevante cientificamente considerar que as etimologias e os recortes da realidade percebida pela comunidade falante de Libras para a formação dos sinais revelam facetas específicas da cultura brasileira surda.

Assim sendo, levando em conta a Teoria Queer e a Sociolinguística Variacionista, este trabalho busca discutir as etimologias e mapear os diferentes sinais em Libras que se referem a “lésbica”. Para alcançar esses objetivos, desenvolve-se uma metodologia de pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa. Para tanto, baseamo-nos nas pesquisas de Andrade (2013), Dizeu (2014), Strobel e Fernandes (1998) e Tarallo (1997) como contribuição à análise sociolinguística; já, para a investigação e a discussão da carga semântica dos sinais, retomamos os trabalhos de Butler (2018) e de Lanz (2017).

O mapeamento das variantes de “lésbica”, já registradas no Dicionário Capovilla e em Santos (2019) apresenta cinco variantes lexicais. Ao investigarmos a etimologia, uma variante surgiu a partir da inicialização, que é o fenômeno pelo qual um sinal é composto pela letra do

alfabeto da palavra em português; três variantes são motivadas iconicamente pelo ato sexual entre mulheres cisgênero, o que revela uma carga semântica de heteronormatividade e papel sexual; e a última variante aponta para uma construção derivada do sinal MULHER, porém é utilizada em situações muito restritas.

Nas seções seguintes, serão apresentados os procedimentos metodológicos necessários à realização da pesquisa; o referencial teórico, com breve discussão de aspectos pertinentes no âmbito da Sociolinguística, da Libras e da Teoria Queer; os resultados, que serão apresentados e discutidos sob uma análise qualitativa e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Os sinais pesquisados foram coletados nas seguintes fontes: a) no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (mais conhecido como dicionário Capovilla) e b) no vídeo do *youtuber*⁴ surdo Leo Vitturino.

Figura 1 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil



Fonte: <https://www.saraiva.com.br/dicionario-da-lingua-de-sinais-do-brasil-a-libras-em-suas-maos-3-volumes-9731355/p>

⁴ Pessoas que produzem conteúdo para a plataforma de vídeos online YouTube.

O dicionário Capovilla (2019) é a maior compilação de Libras já registrada. Possui mais de 14 mil sinais, está dividido em 3 volumes e pesa 6,6 kg. Essa obra é fruto de um extenso trabalho de pesquisa iniciado em 1989 no Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental da Universidade de São Paulo, sob orientação e coordenação do Prof. Dr. Fernando César Capovilla; é também o desdobramento de outras produções anteriores como:

o Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas (Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2012a, 2012b), o Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla & Raphael, 2006b, 2006c), a Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, volume 1, 2, 3, 4 e 8 (Capovilla & Raphael, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c), e o Manual ilustrado de sinais e sistemas de comunicação em rede para surdos (Capovilla, Raphael, & Macedo, 1998), dentre outros. (CAPOVILLA ET AL, 2019, p. 21).

Nesse dicionário, na entrada “lésbica”, foram encontradas 4 variantes ao total com 3 repetições na entrada “homossexual feminina”.

Acerca da segunda fonte consultada para formação do corpus, o autor Leandro Viturino dos Santos é professor substituto na Universidade Estadual do Oeste da Bahia da disciplina de Língua Brasileira de Sinais. Ele é surdo e também atua como *youtuber* no seu canal Léo Viturino – nome pelo qual é mais conhecido nas redes sociais. É abertamente LGBTQ+ e frequentemente aborda, em seus vídeos, temas relacionados à sua vivência. Postou, em abril de 2019, uma compilação com 31 sinais sobre gênero e sexualidade em Libras, no qual constam 4 variantes para o termo “lésbica”.

Após a coleta, os sinais foram enumerados em índices exibidos entre parêntesis. Logo após a figura de cada sinal, foi descrita uma etimologia baseando-se (1) nos conhecimentos linguísticos da morfologia da Libras, (2) em outros sinais ou classificadores relacionados ao tema e (3) na consulta a pessoas surdas nativas da língua. Para a classificação entre variantes lexicais ou fonológicas, baseamo-nos nas orientações metodológicas de Dizeu (2014), que serão abordadas na próxima seção.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua é parte importante – senão primordial – da cultura e interação social entre os seres humanos. Acerca dessa compreensão, percebe-se que as crenças e valores sobre as diversas identidades reverberam nas atitudes linguísticas dos falantes de uma determinada comunidade. Em um estudo executado na ilha de Martha’s Vineyard, Labov (1972 [2018])

encontrou um padrão que motivava a escolha linguística por uma variante a nível fonético: as pessoas que tinham uma visão positiva sobre a vida na ilha escolhiam uma variante mais centralizada em relação à produção do som, e as pessoas que tinham uma visão negativa escolhiam uma variante mais aberta em relação a esse mesmo fenômeno⁵. Essas escolhas eram feitas de modo inconsciente e as crenças eram influenciadas por questões socioeconômicas.

Nessa reflexão linguística e enquanto recorte teórico desta pesquisa, é importante ressaltar que a Sociolinguística Variacionista estuda a relação entre sociedade e língua. Segundo esse modelo teórico-metodológico, a heterogeneidade é um pressuposto basilar, pois é a partir dele que existe variação; outros estudos mostram que a heterogeneidade segue determinados padrões. Na tentativa de apreender esses padrões no “caos” da língua falada, surge o trabalho costumeiramente estatístico de sociolinguistas. Como produto desse trabalho, surgem conceitos importantes para a área, que são conhecidos enquanto variantes e variável linguísticas. Uma possível definição desses conceitos é que variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”; enquanto variável linguística, por sua vez, é um conjunto de variantes. (TARALLO, 1997, p. 8).

Tendo isso em vista, este estudo se propõe a realizar um levantamento das variantes e etimologias do termo “lésbica” sinalizadas em Língua Brasileira de Sinais, pois podem revelar concepções da comunidade surda em relação às pessoas LGBTQ+; e, em pesquisa de campo futura, busca-se investigar as crenças e atitudes linguísticas presentes nos estratos sociais.

A respeito dos estudos etimológicos, existem sinais chamados de icônicos, pois, sendo a Libras uma língua viso-motora, muito do seu léxico é motivado pela própria característica visual do referente. Acerca disso, Strobel e Fernandes (1998, p. 4-5) afirmam que:

Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]

Essa característica, a iconicidade, é muito mais presente nas línguas de sinais do que nas línguas orais. Em Libras, o sinal CASA é um exemplo clássico, pois representa com as mãos o telhado de uma casa, como pode ser visualizado na figura a seguir:

⁵ Nos ditongos (aw) e (ay), existe, dentro dessa comunidade linguística, uma escala de produção fonética que vai de [ay] e [aw], cujo primeiro fone [a] é aberto, mais próximo da vogal “a” tônica em português; até [əu] e [əi], cujo primeiro fone [ə] é mais fechado e sonoramente mais próximas da vogal “ê” em português.

Figura 2 - Sinal de “casa”



Fonte: Capovilla et al. (2019)

Por isso, a partir da análise de alguns sinais, pode-se perceber a etimologia icônica que o motivou. Ao indicar o porquê de serem incluídas no dicionário, Capovilla et al (2019, p. 22) reforçam a importância da descrição da iconicidade, pois “materializa o significado defronte os olhos do observador”, permitindo captar os significados de uma maneira fenomenologicamente instantânea. De outro modo, acerca dos sinais nos quais essa característica não é latente, ou seja, os arbitrários, é possível algumas vezes identificar morfemas que compõem a sua origem.

Ainda acerca da formação dos sinais em Libras, alguns casos se dão a partir da interação com a língua portuguesa. Andrade (2013, p. 44) explica que

línguas de sinais, como quaisquer outras línguas, sofrem influência das línguas orais. Um exemplo típico dessa relação é o uso da primeira letra da palavra na composição do sinal (GARCIA, 1990; HEIN, 2010), o que, segundo Kyle e Woll (1998), McKee e Kennedy (2006) e Quinto-Pozos (2008), é chamado de inicialização.

A título de exemplificação, os sinais BIBLIOTECA, IDENTIDADE e LINGUÍSTICA são sinais que possuem a configuração de mãos correspondente às letras do alfabeto manual B, I e L, apresentando-se como casos de inicialização.

No caso desta pesquisa sociolinguística, é importante ter orientações teóricas e metodológicas para a análise das variantes dos termos, pois as línguas de sinais possuem seus próprios parâmetros fonológicos: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e marcadores não manuais. Com base nessa compreensão, Dizeu (2014, p. 63) explica que “quando apenas um ou dois [parâmetros] são modificados temos uma variação fonológica, quando a modificação ocorre nos três podemos dizer que há uma variação lexical”. E ainda, essa autora não considera os parâmetros orientação e marcadores não manuais, pois sua orientação leva em conta apenas 3 parâmetros para a determinação de uma variação lexical.

A Teoria Queer, por sua vez, questiona a cultura e as normas que produzem o gênero. Este, segundo Butler (2018), é uma criação cultural que se dá através da linguagem por um viés

performativo – o que quer dizer que os atos que o produzem são constantemente repetidos e reforçados de forma a ser aprendidos e impostos a todas as pessoas de nossa sociedade. O gênero é, portanto, um dispositivo regulador, político e social.

Ideologicamente tido como algo proveniente da natureza biológica de homens e mulheres, o gênero é questionado pelos estudos queer a partir da perspectiva e vivência de pessoas transgêneras, pois elas não seguem a norma sexo-gênero: “As pessoas transgêneras têm chamado a atenção dos estudiosos de sexo e gênero, por constituírem uma prova concreta de que gênero não é uma ‘herança biológica’ indelével e inalterável, mas o resultado de um longo, lento e árduo processo de aprendizagem social” (LANZ, 2015, p. 43). Por outro lado, as pessoas que fogem a essa norma sofrem violência física e psicológica, conforme levantamentos quantitativos de Mott, Paulinho e Michels (2018).

Com base nisso, segundo Butler (2018), é possível compreender que o gênero se constrói através do discurso, portanto, a identidade de homem ou mulher não é exclusiva de corpos que assim foram designados no nascimento; essas identidades são tão somente interpretações culturais sobre o sexo. Nessa mesma linha de raciocínio, Lanz (2015) explica que a existência humana é muito menos binária: existem pessoas que se identificam como mulheres trans, homens trans e ainda uma diversidade de pessoas que não se identificam com nenhuma dessas duas categorias, reivindicando-se como pessoas não binárias. A propósito, pessoas que se identificam com gênero que lhe foi designado ao nascer são pessoas cisgêneras.

Nesse cenário, duas autoras supracitadas apresentam um conceito importante, o da heteronormatividade, que representa o conjunto de normas culturais pelas quais se espera que todos os corpos sejam cisgêneros e heterossexuais. Ampliando a discussão, as identidades homossexuais masculina e feminina, como gays e lésbicas, não são exclusivas de pessoas cisgêneras. Existem pessoas transgêneras que se relacionam com pessoas do mesmo gênero, seja ele cisgênero ou transgênero; por exemplo: mulheres transgêneras que se relacionam com outras mulheres cis ou trans podem ser consideradas mulheres trans lésbicas. Deve-se então perceber que a orientação sexual é independente da anatomia biológica ou dos vínculos com o gênero. Segundo Lanz (2015), a heterossexualidade, portanto, não é natural, é naturalizada.

A heteronormatividade, por ser esse aparato regulatório do comportamento humano e social, revela-se na cultura e na língua. Dessa maneira, Libras, em sua estrutura, não marca gêneros masculino ou feminino, porém, neste estudo, pretende-se investigar se, nos sinais pesquisados, há alguma marca dessa normatividade que se revele através da etimologia icônica ou morfológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

LÉSBICA (1):

Etimologia: o sinal é soletrado com as letras L e S em Libras inicializadas da palavra “lésbica” emprestada do português.

Figura 1 - sinal LÉSBICA (1)



Fonte: Santos (2019)

Figura 2 - sinal LÉSBICA (1)



Fonte: Capovilla et al. (2019)

É possível perceber que nesse sinal existe uma forte influência da língua oral do Brasil, pois, como visto, utiliza-se das letras da palavra “lésbica” grafada em português. Pontuamos, desse modo, o prestígio e a influência da língua oral brasileira em Libras, que é minoritária.

LÉSBICA (2):

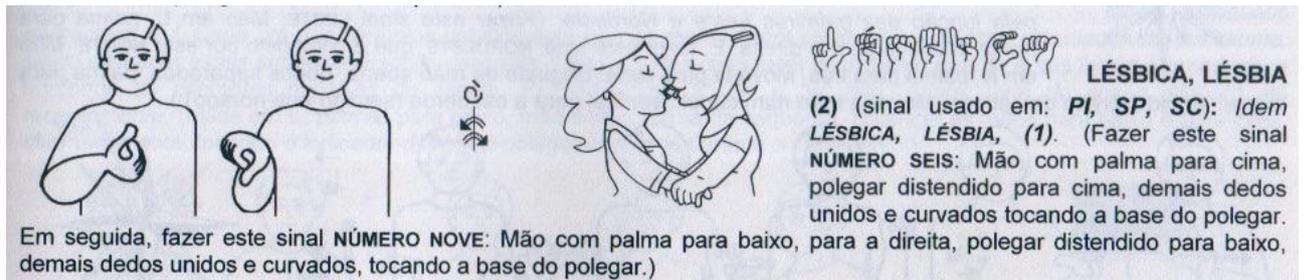
Etimologia: o sinal é composto pelo número 69, ou seja, associado à uma posição sexual.

Figura 5 - sinal LÉSBICA (2)



Fonte: Santos (2019)

Figura 6 - sinal LÉSBICA (2)



Fonte: Capovilla et al. (2019)

LÉSBICA (3):

Etimologia: o sinal possui a mesma configuração de mãos do sinal MULHER, sugerindo a construção MULHER-COM-MULHER, mas, apesar do movimento repetitivo ser muito próximo a uma variante do sinal SEXO, não sugere posição ou ato sexual.

Figura 7 - sinal LÉSBICA (3)



Fonte: Santos (2019)

Essa variante não apresenta influências heteronormativas, pois não expressa papel sexual, anatomia biológica ou diferença entre cis e transgeneridade. Além disso, não é conhecida pela comunidade de fala da Região Metropolitana do Recife: ela é verificada nos usos da Região Sudeste do Brasil para referenciar apenas mulheres que não assumem publicamente relações homoafetivas, mas que, em situações específicas e sigilosas, mantêm encontros casuais.⁶

LÉSBICA (4):

Etimologia: o sinal tem configuração de mãos e movimento icônicos, representando a posição sexual entre duas pessoas com as pernas abertas cruzadas entre si.

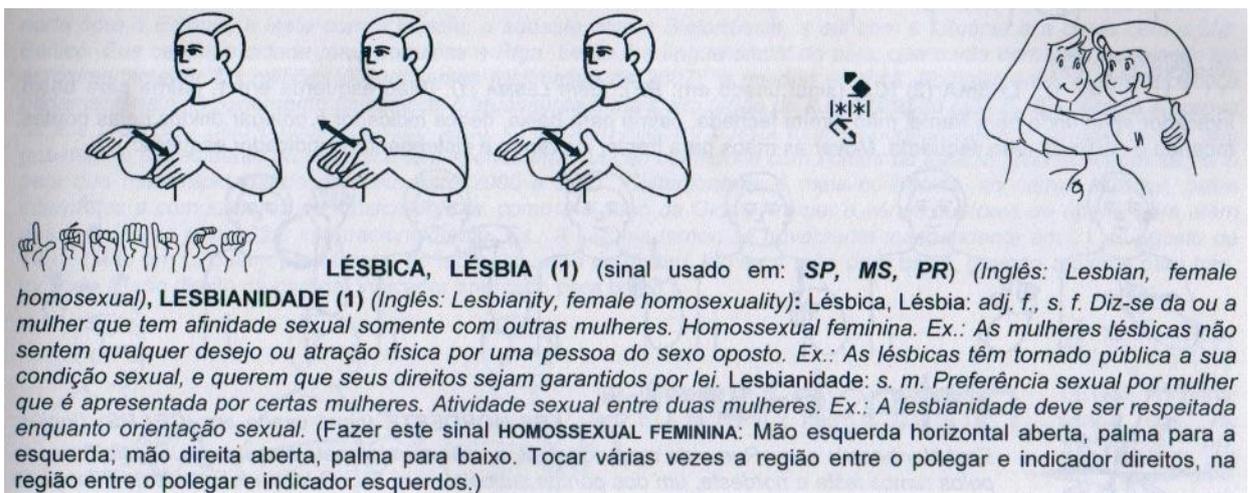
⁶ Agradecemos à professora surda Roberta Agra (Centro de Apoio ao Surdo – PE) que, em diálogo, buscou explicar a etimologia desse sinal.

Figura 8 - sinal LÉSBICA (4)



Fonte: Santos (2019)

Figura 9 - sinal LÉSBICA (4)



Fonte: Capovilla et al. (2019)

LÉSBICA (5):

Etimologia: o sinal apresenta a mesma configuração de mãos do sinal de VAGINA e o movimento de fricção entre as mãos, ou seja, este sinal apresenta a relação sexual entre mulheres cisgêneras.

Figura 10 - sinal LÉSBICA (5)



Fonte: Capovilla et al. (2019)

O mapeamento das variantes de “lésbica” já registradas no Dicionário Capovilla e em Santos (2019), conforme visto até aqui, apresenta cinco variantes lexicais. Ao analisar os sinais LÉSBICA (2), (4) e (5), sob o olhar da Teoria Queer, pode-se perceber a presença do conceito de heteronormatividade. Compreende-se, então, que os sinais excluem mulheres trans, pois são

construídos a partir da normalização e da assimilação da identidade de mulheres homossexuais, concebidas na nossa cultura apenas como mulheres cisgêneras. Ademais, buscando uma fictícia coerência entre gênero e orientação sexual, mulheres trans seriam naturalmente/exclusivamente heterossexuais, se relacionando apenas com homens – o que não corresponde a total realidade das vivências.

Ademais, vale pontuar que as variantes lexicais LÉSBICA (2), (4) e (5) estão relacionadas a papéis e posições sexuais, indicando objetificação de corpos e exclusão das características afetivas de relações lésbicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, a partir do que foi visto, considera-se que a Libras, nos sinais analisados, carrega forte influência das determinações sociais sobre orientação sexual e identidades de gênero. Eles surgiram em um período em que essas discussões eram restritas a poucas pessoas da academia e, possivelmente, não chegavam à comunidade surda, que apenas reproduzia preconceitos arraigados na cultura brasileira.

As línguas não mudam por vontade política de um grupo ou de um indivíduo. Por isso, vale discutir tanto com a comunidade surda quanto com a comunidade ouvinte sobre questões pertinentes à população LGBTQ+, numa tentativa de estancar violências alimentadas e disseminadas por vias de linguagem.

Se faz também importante mencionar que as variantes selecionadas neste estudo, considerando suas etimologias, revelam que a heteronormatividade e os preconceitos em relação às pessoas LGBTQ+ estão também presentes em práticas linguísticas, conservando identidades regulatórias das práticas sociais. Além disso, evidenciam o intercâmbio cultural entre duas línguas que existem no mesmo espaço geográfico, mas que não estão no mesmo lugar de prestígio e determinações sociais: o português e a Libras. Nessa relação de poder político assimétrico, a Libras recebe influência da língua portuguesa e, devido a isso, não raro, também assimila visões de mundo e valores que carregam preconceitos.

Este trabalho foi, portanto, relevante para as pessoas falantes de Libras que se entendam dentro de, ou se interessem por, gênero e sexualidade dissidentes, no sentido de terem consciência acerca da utilização dos sinais de “lésbica”. Além disso, problematizaram-se resumidamente práticas linguísticas que reforçam preconceitos. Para um momento posterior deste estudo, serão investigadas não só as crenças e atitudes linguísticas relacionadas aos sinais de “lésbica” apresentados: a pesquisa incluirá os sinais de “gay” e “heterossexual”. Somado a

isso a identificaremos a distribuição das variantes nos estratos sociais da comunidade, bem como aprofundaremos reflexões sobre as práticas linguísticas que disseminam violências.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando César et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas Mãos**. 1. ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 19 de out. de 2020.

DELGADO, Isabelle Cahino. **Uma análise estilística da língua brasileira de sinais: Variações de seu uso no processo interativo**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8426?locale=pt_BR>. Acesso em: 19 de out. de 2020.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. Procedimentos metodológicos para uma investigação sociolinguística com a Língua Brasileira De Sinais. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 61-70. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMLS-5cap>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Parábola Editorial, 1972 [2018].

MOTT, Luiz; PAULINHO. MICHELS, Eduardo. **Mortes violentas de LGBT no Brasil relatório – 2017**. Grupo Gay da Bahia, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/328ILkh>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

SANTOS, Leandro Vitorino. **SINAIS LGBT+/ Libras**. Youtube. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MJtAuEx8TOU&t=138s>>. Acesso em 20 de set. de 2020.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Aspectos_linguisticos_LIBRAS.pdf>. Acesso em: 19 de out. de 2020.